

a última mulher
da família moon
barbara davis

Tradução de Ester Cortegano

*PARA AS MULHERES...
CURADORAS DE CORAÇÕES,
OBREIRAS DE LUZ,
FAZEDORAS DE MAGIA.*



*O amor faz magia.
É o derradeiro objetivo
Da história do mundo,
O Amém do universo.*

NOVALIS

PRÓLOGO

Um corpo que foi submerso na água sofre um tipo diferente de decomposição: mais dura, em alguns sentidos, noutros mais gentil — ou, pelo menos, assim mo disseram. Nós, as Moons, não teríamos hipótese de o saber. Escolhemos o fogo, quando chega a nossa vez, e espalhamos as nossas cinzas pela terra que pertence à nossa família há mais de dois séculos. Agora também as minhas ali estão, misturadas com o pó das minhas antepassadas.

Será possível que tenham passado apenas umas breves semanas desde que morri? Semanas passadas a pairar entre mundos, incapaz de ficar, sem vontade de partir, amarrada pelo arrependimento e assuntos por concluir. A separação parece mais prolongada, por alguma razão. Não é, porém, sobre a minha morte que me debruço hoje, mas na morte de duas meninas — Darcy e Heather Gilman — faz já oito anos. Estavam desaparecidas há quase três semanas quando os seus corpos foram finalmente retirados da água. Foi uma coisa terrível de se ver, mas vi tudo. Porque era o meu lago que estavam a dragar, convencidos de que encontrariam ali aquilo que procuravam. E porque não, quando toda a vila olhava na minha direção? Por causa de quem eu era — e do que era. Ou, pelo menos, do que imaginavam que eu fosse.

Parece que a memória não morre com o corpo. Passaram anos desde aquele dia sinistro no lago, e, no entanto, recordo cada pormenor, e revivo-o vez após vez, num círculo interminável e impiedoso. O chefe da polícia com as suas botas de água, os seus homens no barco. A carrinha do médico-legista estacionada por perto, com as portas traseiras escancaradas, na expectativa de uma nova mercadoria. O rosto, pálido de morte, de uma mãe à espera de ficar a conhecer o destino das suas filhas. Sussurros que se erguiam da multidão como uma corrente elétrica. E, depois, a eloquente estridência de um apito.

Um silêncio instalou-se sobre nós, daqueles silêncios que carregam um peso muito próprio — o peso dos mortos. Ninguém se move quando aparece o primeiro corpo, o vislumbre de um braço com um casaco enlameado, água a

escorrer da manga enquanto a forma ensopada é arrastada para a margem. Um rosto inchado e negro, em parte obscurecido por meadas de cabelo escuro molhado.

São cuidadosos com ela, movendo-a com uma ternura que é, de certa forma, macabra e torturante de se observar. Estão a preservar as provas, apercebo-me, e uma língua gelada desliza pela minha coluna abaixo. É para poderem construir a acusação. Contra mim.

Pouco tempo depois aparece um segundo corpo, e então ergue-se um gemido entrecortado, um coração de mãe que se despedaça pelos seus amores.

E foi assim que tudo se desenrolou, naquele horrível dia que desencadeou tudo o resto. O fim da quinta. E, talvez, o fim das Moons.

UM



16 de julho

Althea Moon estava morta. Era isto o essencial da carta. Morta na própria cama, numa manhã de domingo. Morta após uma longa e desgastante doença. Morta e já cremada, as suas cinzas espalhadas ao nascer da lua cheia, conforme o que estava disposto no seu testamento.

A sala enevoou-se enquanto Lizzy lia a carta por entre uma película de lágrimas, as linhas tensas a ficarem esborratadas na página. *Com o paradeiro da sua mãe atualmente desconhecido, foi-lhe concedida a posse exclusiva da Quinta da Mulher Moon. Envio-lhe este pacote, de acordo com os últimos desejos da sua avó.*

Havia uma assinatura no fundo. *Evangeline Broussard*. O nome não lhe dizia nada, mas era evidente que a mulher — quem quer que ela fosse — sabia mais sobre os últimos dias de Althea do que ela. Lizzy nem sequer chegara a saber que a avó estava doente.

Engoliu as lágrimas, e os sabores salgados da culpa e da dor misturaram-se na sua língua, enquanto pegava no pacote que acompanhava a carta. Estava embrulhado em papel pardo, e um pouco gasto. Os seus olhos fixaram-se nas palavras carimbadas na frente a tinta vermelha: **DEVOLVER AO REMETENTE**. Aparentemente tinha sido endereçado para o seu antigo apartamento, devolvido pelos novos inquilinos, e depois reenviado para o seu escritório.

Tencionara mandar a Althea um daqueles cartões de mudança de endereço, mas, tal como muitas outras coisas, acabara por não o fazer. Conteve a respiração enquanto rasgava o papel do embrulho, e depois soltou o ar bruscamente quando entreviu a pele preta pesadamente trabalhada.

Conhecia bem aquele livro. Era o diário que Althea lhe tinha dado no seu décimo sexto aniversário — o diário que *todas* as Moons recebiam quando completavam 16 anos.

Os seus dedos tremeram quando percorreram a capa, a lombada enrugada, as páginas com as suas barbas nas bordas, conhecendo de cor a sensação. Havia oito outros iguais em Salem Creek, trancados num armário na sala de leitura da sua avó, cada um identificado com o nome da autora que o escrevera. *O Livro de Sabine. O Livro de Dorothée. O Livro de Aurore.* E assim por diante, ao longo de gerações. Presumivelmente, o nono — *O Livro de Althea* — ocupara agora o seu lugar entre eles.

Eram uma tradição na família Moon, um ritual de passagem, à medida que cada membro se comprometia com o Caminho. Volumes meticulosamente escritos registavam remédios e receitas, bênçãos sagradas e fragmentos de sabedoria feminina, preservando-os para gerações futuras. E ali estava o dela, a ressurgir como a proverbial erva daninha, tão em branco como no dia em que o tinha recebido.

Abriu-o cautelosamente e olhou a inscrição. *Para a Elzibeth — Chegou o momento de escreveres a tua história.*

Não Elizabeth. *Elzibeth.* Nem sequer podia ter um nome normal.

Aos 16 anos, ela não queria ter nada a ver com a tradição — nem com qualquer outra parte do estranho legado da sua família. Só queria ser normal, como as *outras* pessoas. E por isso enfiara o diário numa gaveta e ignorara-o.

Tê-lo agora entre as mãos, ao fim de tantos anos, parecia-lhe uma acusação, um lembrete de que, ao rejeitar aquele sagrado costume de família, virara as costas a tudo o que a sua avó tinha vivido, ensinado, acreditado. Podia ter fingido, na frente de Althea, podia ter alinhado com o que se esperava dela e enchido o diário com uns gatafunhos ao acaso. Até as raparigas normais escreviam diários — umas coisas cor-de-rosa, com corações na capa e uns débeis cadeados para deter os bisbilhoteiros. Mas ela era demasiado teimosa para alinhar, decidida a romper com a tradição das Moon e a mapear o próprio futuro. E conseguira-o, se é que a brilhante placa nova à porta do seu escritório era disso uma indicação — desde calouira na Dickerson até ao lugar de estagiária na Worldwide e, por fim, ao posto de diretora criativa da Chenier Fragrances, Ltd., tudo no período de oito anos.

Mas, seis meses depois de alcançar a cobiçada promoção, continuava a tentar adaptar-se à sua nova posição e ao recente turbilhão de mudanças na sua vida. Não tivera tempo para contar a Althea — pelo menos era o que

andara a dizer a si mesma. A verdade é que a comunicação entre as duas se tornara cada vez mais irregular ao longo dos anos. Não por preguiça, mas por culpa. Tinha dificuldade em falar dos seus sucessos quando a avó fora obrigada a ficar a assistir enquanto o trabalho da sua própria vida — a sua amada quinta — definhava e morria. Em vez disso, Lizzy convencera-se de que os cheques que enviava de tempos a tempos compensariam uma ausência de oito anos, as cartas que ficavam por responder e as chamadas que raramente aconteciam. Não compensavam, claro. Nada o poderia compensar. E agora era demasiado tarde para dizer fosse o que fosse a Althea.

Tentou assimilar a ideia — um mundo sem Althea Moon — mas não conseguiu. Como podia uma mulher como ela, tão rica em sabedoria, e vida, e amor, que parecia ter brotado do próprio solo que tanto amava e cuidava, ter morrido?

A avó nunca mencionara estar doente. Nem uma única vez, em todas as suas longas e descritivas cartas. E, contudo, a carta de Evangeline Broussard mencionava uma doença prolongada. Porque lhe teria escondido Althea uma coisa dessas?

— Ah, estás aqui... finalmente.

Lizzy pestanejou para conter uma nova ameaça de lágrimas, consternada por descobrir Luc Chenier parado à porta do seu escritório. Luc acabara de cortar o cabelo, e, com o seu *Brioni* preto feito à medida, parecia ainda mais devastador do que o normal. E ele sabia-o, o que, nos tempos em que saíam juntos, a costumava aborrecer um pouco, mas agora deixara de o fazer.

Limpou os vestígios das lágrimas. A última coisa de que precisava era de ser apanhada a chorar à secretária pelo homem que acabara de dar luz verde à sua promoção — ou de se ver assaltada por perguntas desconfortáveis, o que certamente aconteceria se ele imaginasse por um só minuto que ela lhe estava a esconder alguma coisa. Lançou-lhe um breve olhar, esperando parecer imperturbável enquanto escondia o diário no colo.

— Precisas de alguma coisa?

Ele fez um sorriso recentemente branqueado, ao que parecia.

— Vim à tua procura na hora do almoço, mas disseram-me que tinhas tido uma reunião.

— Estava com a equipa do *marketing*, a tentar escolher os conceitos para a nova campanha para a imprensa. Ainda não chegámos a uma decisão, mas devemos ter...

Luc interrompeu-a com um aceno da mão.

— Vem sair comigo depois do trabalho. Ia levar-te a almoçar, mas jantar até é melhor, não achas?

Não, ela não achava, embora não a espantasse que ele achasse. Luc estava habituado a conseguir tudo o que queria. E porque não estaria? O homem exsudava charme. O facto de parecer o Johnny Depp sem o *eyeliner* e de reter vestígios do sotaque francês da mãe também ajudava. Mas essas coisas tinham perdido rapidamente o seu poder de atração sobre Lizzy.

Tinham feito os possíveis para manter a discrição. Nada de sorrisinhos no escritório, nada de demonstrações públicas de afeto. Nada de almoços que não incluíssem uma folha de cálculo ou um PowerPoint. Mas, na noite em que a sua promoção fora anunciada, tinham ido celebrar juntos ao Daniel — para darem de caras com Reynold Ackerman, um advogado do departamento jurídico, que fora ali por acaso com a mulher para comemorar os vinte anos de casamento. Fora então que ela soubera que tinha uma opção a tomar — pôr um ponto final na relação ou tornar-se o cliché do escritório.

Acabara com ele no dia seguinte. Luc aceitara bem as coisas, talvez porque tinham estabelecido as regras básicas desde o início. Quando o momento chegasse, qualquer das partes podia sair. Sem lágrimas. Sem recriminações. Só que, ultimamente, Luc andava a emitir sinais de que deviam retomar as coisas onde as tinham deixado. Uma empresa vã, no que dizia respeito a Lizzy.

— Está combinado, então? Esta noite? — perguntou ele da porta. — Podemos ir ao italiano.

— Não posso. Desculpa.

— Eu faço uma reserva no Scarpetta. Aqueles *cannoli*...

— A minha avó morreu — deixou ela escapar. — Acabei de receber uma carta.

Luc teve a gentileza de fechar o sorriso. Entrou no gabinete e fechou a porta atrás dele.

— Lamento muito. Não sabia que ela estava doente.

— Nem eu. — As palavras doeram mais do que Lizzy esperava, e ela deu por si a ter de desviar o olhar. Chorarem no ombro um do outro não fizera parte daquela relação, e ela não queria começar agora. — Ao que parece, andou a esconder tudo de mim.

— Não me lembro de falares muito dela. Nem da tua família, de resto. Eram próximas?

— Sim — acabou por responder. — Basicamente, foi ela quem me criou.

— Que azar.

Lizzy olhou-o da sua secretária. *Que azar? É isso que se diz a alguém quando uma pessoa que ama morreu?* E, no entanto, não deveria estar surpreendida. Ela já o tinha visto anteriormente lidar com a morte.

Já andavam a sair discretamente há vários meses quando a mãe de Luc, e mentora de Lizzy no mundo da fragrância, perdera finalmente a sua batalha contra o cancro do colo do útero. Lizzy vira-o no funeral a apertar mãos, a aceitar condolências, a desempenhar o papel do filho respeitador. Mas, à medida que a tarde se estendia, não conseguiu deixar de pensar que era precisamente isso que ele estava a fazer: a desempenhar um papel. Ao início atribuiu a ausência da dor à natureza prolongada da doença da mãe de Luc. Ele tivera tempo para se preparar, para aceitar, para se despedir. Agora Lizzy perguntava-se se não lhe teria dado demasiado crédito.

— Os meus sentimentos — acabou ele por dizer, estendendo uma mão sobre a secretária para cobrir a dela. — Queres ir a casa, claro, para o funeral.

Lizzy libertou a mão e desceu-a para o colo, deixando-a fora de alcance.

— Não vai haver funeral. Já espalharam as cinzas dela.

As sobranceiras de Luc arquearam-se.

— O quê... sem ti?

Lizzy anuiu, sem vontade de dizer mais nada. No que respeitava à família, preferia limitar os pormenores ao mínimo possível. Quando se queria ser levado a sério — e ela queria — havia lugares onde não se podia entrar.

— Na minha família não damos a isso uma grande importância — referiu, a pestanejar para conter outra vaga de lágrimas. *A não ser que se dê a espalhar as cinzas num campo de lavanda, na primeira lua cheia depois da morte, uma grande importância.* — Além disso, a culpa foi minha. Esqueci-me de avisar da minha nova morada quando mudei de casa, por isso houve uma confusão com a carta. Ela já morreu há dois meses. Quando não respondi foram para a frente com o funeral e trataram das cinzas.

Luc anuiu, como se tudo aquilo fizesse perfeito sentido, e depois, de súbito, franziu o sobrolho.

— Mas não deixa de ser um pouco estranho, não achas? Fazerem isso sem ti?

Lizzy evitou-lhe o olhar.

— É uma espécie de tradição familiar. Há... uma questão do momento certo. Seja como for, já está feito.

— Mesmo assim, se queres a minha opinião, nunca fui grande fã de funerais. Muita lágrima concentrada. — Fez uma pausa, fingindo um arrepio. — É um desperdício de emoção, quando se pensa bem na coisa. A pessoa que morreu não faz ideia de que estás ali, porque, bem, está morta. E as outras pessoas todas ficam só por ali a trocar lugares-comuns e a comer ovos recheados. E depois há a família, que é toda uma outra lata de vermes. Sempre problemática... Ou, como a minha mãe gostava de dizer... *compliqué*.

Compliqué.

Lizzy anuiu. Era o adjetivo perfeito para descrever as Moons.

— Sim. Nós somos bastante... problemáticas.

— Quando é que tinhas estado lá?

— Nunca. Saí de casa há oito anos e nunca voltei.

Luc assobiou baixinho.

— Isso é muito tempo, até pelos meus padrões. A tua mãe já...?

Lizzy sabia o que ele estava a perguntar — se a sua mãe tinha *morrido*. A verdade é que ela não fazia ideia. Ninguém fazia. O que era quase a mesma coisa.

— Sim. Foi-se. Toda a gente se foi.

Luc deu a volta à secretária e encostou uma anca ao canto.

— Minha pobre órfã — disse suavemente. — Não estás sozinha, sabes isso. A minha mãe adorava-te... tanto que me fez prometer que olhava por ti. Ela disse-me: *Luc, a Lizzy vai ser brilhante, um dia, e quero que cuides dela*. É como se, ao deixar-me esta empresa, ela também te tivesse deixado a mim.

Lizzy resistiu à tentação de revirar os olhos.

— Não podes deixar uma pessoa em testamento, Luc. E eu cuido de mim mesma há muito tempo.

Ele levantou-se e dirigiu-se para a janela.

— De quanto tempo precisas? Três dias? Quatro?

Ela franziu a testa.

— Para quê?

— Sei lá. O luto. O que precisares de fazer. Suponho que haja questões financeiras para tratar, uma casa para vender.

— É uma quinta, na verdade. Uma quinta de ervas aromáticas. Não preciso de voltar. Posso tratar de tudo a partir daqui.

— A sério? — Ele sorriu, como que agradavelmente surpreendido. — E eu aqui a pensar que eras do tipo sentimental.

Lizzy abanou a cabeça, desesperada por acabar com a conversa antes que dissesse alguma coisa que voltaria a fazer erguer as sobrancelhas cuidadosamente depiladas de Luc.

— É só que... é muita coisa. Recordações que prefiro não desenterrar. Como tu disseste, é... *complicado*.

O sorriso dele alargou-se, aproximando-se da linha entre arrogância e paternalismo.

— A minha mãe era do tipo sentimental. Costumava dizer que todos precisamos de voltar a casa de tempos a tempos, para nos lembrarmos de onde viemos. Acho que ela estava meio certa. Precisamos de voltar a casa de tempos a tempos, sim, mas só para nos lembrarmos da razão por que de lá saímos, para termos a certeza do que *queremos* mesmo. Porque, a longo prazo, é apenas isso que interessa. O que queremos da vida e o que estamos dispostos a fazer para o conseguir. Talvez seja disso que tu precisas, Lizzy, de ir passar algum tempo com as tuas recordações. As coisas podem já ter um aspeto diferente quando o fizeres.

Tempo com as suas recordações.

Lizzy baixou a cabeça, sem querer encará-lo nos olhos. Luc não fazia ideia do que lhe estava a pedir. Não que devesse saber. Como podia alguém imaginar o tipo de lembranças de que estavam realmente a falar?

— Está tudo bem, a sério. Eu estou bem. Posso fazer tudo à distância.

Luc olhou-a ceticamente.

— Como queiras, mas não me pareces bem. Talvez haja alguma coisa que precise de ser dito, para processares a tua perda, para pões um ponto final no assunto, como se costuma dizer. Eu podia ir contigo, para tornar as coisas mais fáceis.

E ali estava ele, o verdadeiro motivo por detrás da súbita preocupação de Luc.

— Luc, nós acabámos há meses.

— Eu sei.

— Então porque é que fazes essa sugestão?

— Acreditarias que estava a ser nobre?

— Não.

Luc desistiu do sorriso, aparentemente a aceitar a derrota.

— Não deixa de ser um momento péssimo para estares sem ninguém ao teu lado. Pelo menos deixa-me levar-te a jantar. Prometo ser totalmente profissional, se é assim que queres.

— Obrigada. Mas acho que preciso mesmo de ficar sozinha.

Lizzy viu-o sair, tendo a certeza de que estava aborrecido. Mas ele tinha razão num ponto: ela *precisava* de tempo para processar, sim, de digerir o facto de que estava subitamente sozinha no mundo, e o que isso significava. Althea estava morta, e a mãe, aparentemente, desaparecera da face da Terra — literal ou figurativamente. E não haveria mais Moons depois de Elzibeth — disso tinha ela a certeza. Para todos os efeitos, acabava de se tornar a última Moon.

DOIS



Lizzy descalçou-se e foi diretamente para a cozinha. Conseguira chegar ao fim do dia, sorrindo perante a corrente constante de condolências que foram chegando à medida que a notícia do falecimento da sua avó se espalhou pelo escritório. Agora só queria um grande copo de vinho e ficar sozinha com a sua dor.

Abriu uma garrafa de *chardonnay*, encheu generosamente um copo, e depois fez uma pausa para regar os vasos de aromáticas que mantinha no parapeito. *Rosmaninho, para a memória. Manjericão, para a coragem. Tomilho, para afastar os pesadelos.* Era o catecismo da sua infância — o catecismo de todas as Moons.

Num impulso, arrancou uma folha de manjericão do pé no parapeito e rolou-a entre as palmas, libertando a sua fragrância salgada e doce — pimenta, anis, vagamente mentolada. Era uma das suas ervas aromáticas preferidas, talvez porque a recordava de tempos felizes passados a cozinhar na casa da avó. Mas, desta vez, foi outra reminiscência que veio à superfície — uma lembrança mais antiga.

Althea tinha saído para avaliar os estragos após uma geada invulgarmente tardia quando Lizzy se aproximou por trás. Ela não podia ter então mais de 7 anos, mas soubera instintivamente que devia ficar imóvel, hipnotizada pela estranha intensidade no rosto da avó, ajoelhada atrás de um monte de pés de manjericão e, com os olhos fechados, a passar as mãos calejadas por cima deles. Ouvira-a murmurar qualquer coisa na altura, palavras ternas que Lizzy não conseguiu perceber. Era a primeira vez que via o dom da sua avó em ação, mas nunca o esquecera. Nem da visão daquelas mesmas plantas no dia seguinte, sãs e verdes, e sem marcas dos danos da geada.

Era o mais surpreendente dos dons de Althea — a capacidade de fazer renascer uma erva ou uma flor quase morta com um toque e umas poucas palavras suaves. Isso e um estranho jeito para fazer crescer coisas que não deviam florescer no avaro clima da Nova Inglaterra. As conversas em surdina sobre a aptidão da avó dela com as plantas eram um lugar-comum em Salem Creek. Alguns atribuíam-na à magia, outros ao seguimento estrito do seu almanaque. Fosse o que fosse, era vastamente aceite que o solo rochoso da Quinta da Mulher Moon não recusava nada a Althea Moon.

Quem cuidaria daquele solo, agora que ela morrera?

A pergunta surgiu enquanto Lizzy levava o seu *chardonnay* para a sala. Em breve pertenceria a outra pessoa. A casa e o celeiro, os campos de ervas aromáticas, o boticário da avó, tudo sairia da família para as mãos de desconhecidos. Ela sempre soubera que isso iria acontecer, que um dia Althea teria de morrer e que se precisaria de fazer alguma coisa com a quinta. Só não se debruçara muito sobre o que seria essa alguma coisa — nem sobre qual seria a sensação de ter de fazê-la.

Teria de começar a pensar na logística, encontrar um agente imobiliário disposto a tratar da venda à distância, e depois contactar alguém para tratar do recheio da casa. Não havia muita coisa que tivesse qualquer valor real. Mas o que fazer com os pertences pessoais de Althea? As suas roupas, os seus livros — a coleção de diários fechados à chave na sua sala de leitura? Poderia mesmo confiar num estranho para tratar *dessas* coisas? E, caso contrário, quem é que restava? Não a sua mãe, de certeza, cuja imprudência fizera cair as últimas peças do dominó. Mas Rhanna era outra história — e, aparentemente, uma história sem um final, uma vez que ninguém sabia nada dela há anos.

Lizzy sentiu-se anestesiada enquanto se sentava no braço do sofá, esvaziata de fúria e perplexa pelos eventos do dia. O Sol começava a sua descida, infiltrando-se nos cantos e recantos dos telhados da baixa de Manhattan, como um daqueles postais a sépia que as lojas ofereciam aos turistas. Três meses depois de trocar o seu minúsculo sótão por um apartamento na East Tower, ainda não se habituara à vista. Nem a qualquer das outras vantagens que advinham da sua nova morada elegante. Luc assegurara-lhe que se iria habituar à nova vizinhança, mas, quando olhou em volta da sala, não reconhecia nada. A mobília, os quadros nas paredes, até o reflexo que a olhava da janela escura pareciam pertencer a outra pessoa qualquer — uma desconhecida a *fazer-se passar* por Lizzy Moon.

Ao longo dos anos a cidade polira-lhe as arestas mais irregulares, não

deixando vestígios da rapariga que corria descalça pelos campos da avó, que colhia ervas até os dedos ficarem manchados e que tinha as unhas sujas do solo da Nova Inglaterra. Mas, na verdade, fora por isso mesmo que se mudara para Nova Iorque: para se livrar daquela rapariga. Para viver como as outras pessoas. Ser alguém ajustado. Sem surpresas. Sem desconfianças. Sem um livro secreto com o seu nome escrito. Simplesmente... normal. E funcionara, de um modo geral. Percorrera um longo caminho, desde que deixara Salem Creek. Mas será que existia algo como um caminho *demasiado* longo? Seria possível uma pessoa andar tanto para a frente que se perdia de si mesma durante o processo?

Esvaziou o copo e dirigiu-se para a cozinha para voltar a enchê-lo. Estava à beira de se pôr a chafurdar no passado, sentia-o. Mas não podia dar-se ao luxo de ficar nostálgica, nem de esquecer o que a fizera sair de Salem Creek.

Oito anos antes, um par de adolescentes não regressara a casa à noite. As horas deram lugar a dias, os dias a semanas. Heather e Darcy Gilman tinham simplesmente desaparecido.

Tinham bastado menos de vinte e quatro horas para o nome de Althea ser mencionado como o da provável culpada. Não era propriamente uma surpresa. Sempre que alguma coisa corria mal — uma tempestade de neve precoce, uma maré estranhamente alta, um surto de sarampo — as Moons eram, de alguma forma, culpadas. Muitos alegavam dizer aquilo na brincadeira, mas, para certos círculos, os rumores tinham algum fundo de verdade. O que faltava a Salem Creek em termos de pretensões mundanas era mais do que compensado com as superstições arcanas e as espalhafatosas exibições de fervor religioso. O desaparecimento das Gilmans não se provou ser uma exceção.

Fora estabelecida uma linha telefónica para informações, e a imprensa acorreu em peso. Foram feitas vigílias, equipadas com Bíblias, velas, flores e ursinhos de peluche. E depois, precisamente quando o furor começava a desvanecer-se, as Moons tinham ouvido bater à porta. Alguém tinha ligado anonimamente com uma pista, alegando ter visto Althea a arrastar as miúdas, uma de cada vez, para o lago, e depois a enterrar qualquer coisa por perto.

Fora emitido um mandado de busca e um par de pequenos fantoches de palha foi encontrado. Bonecas de vudu, chamara-lhes o jornal, porque evidenciavam uma sinistra semelhança com as raparigas desaparecidas, até na cor dos casacos que usavam na noite em que tinham desaparecido. Mas

não tinham sido enterrados, como dissera o anónimo, simplesmente deixados sob a lua cheia, juntamente com um pequeno saco de tecido com sal e sementes de cominho. Um ritual de proteção, explicara Althea à polícia, uma *oferenda*, para ajudar a conduzir as raparigas sãs e salvas de volta para os seus pais, em casa.

A seguir tinham feito as buscas no lago. Uma hora depois, os corpos de Heather e Darcy Gilman tinham sido retirados do fundo, enquanto metade da vila assistia atrás de uma fita amarela. As conclusões do médico-legista não tinham demorado a chegar: um crânio fraturado numa rapariga, um pescoço partido na outra. Homicídio em ambos os casos.

Boatos com décadas de existência vieram à superfície em turbilhão, por vezes na forma de sussurros, outras não. Feitiços, poções, rituais nus à lua cheia. Sacrifícios de virgens. Muitos postos a circular por pessoas que tinham conhecido Althea desde sempre. Não havia uma única verdadeira prova, razão pela qual nunca foi aduzida qualquer acusação, mas isso não impediu as línguas de trabalhar. Nem evitou que as boas gentes de Salem Creek organizassem uma vigília à luz das velas — uma vigília em que metade da vila participou — para rezar pela expulsão do mal que existia no seu seio. Inocentes até prova em contrário — a não ser que se chamassem Moon.

E agora a mulher de quem tinham suspeitado estava morta. Teria havido um suspiro de alívio? Um dia de festa proclamado pelo presidente da câmara?

*Ding-dong, the witch is dead?*¹

Sim. Estava definitivamente a chafurdar, e talvez já um pouco tocada. Devia preparar alguma coisa para comer, mas a ideia não se lhe afigurava muito atraente. Em vez disso, atravessou o corredor com a sua carteira e o copo acabado de atestar, a planear um longo banho quente antes de se deitar.

Atirou a carteira para cima da cama, despiu-se e depois virou-se para pegar no copo que deixara em cima da mesa de cabeceira. O conteúdo da carteira espalhara-se em cima da colcha, incluindo o diário que Evangeline Broussard lhe enviara juntamente com a carta. A visão do caderno atingiu-a como uma pancada no plexo solar, do tipo que faz alguém dobrar-se ao meio mesmo quando se está à espera dela.

Althea morrera.

¹ *Ding-dong! The witch is dead* (Ding dong! A bruxa morreu). Referência à canção do filme *O Feiticeiro de Oz*, de 1939. (N. de T.)

A dor inundou-a e Lizzy perdeu as forças, caiu na cama e pegou no caderno, as lágrimas tão quentes e duras que quase não reparou na folha de papel que deslizou de entre as páginas e lhe caiu no colo. Olhou para ela, a pestanejar, e as lágrimas detiveram-se. As palavras estavam esborratadas, em alguns pontos, mas a letra firme de Althea era inconfundível.

Minha querida Lizzy,

Se estás a ler esta carta, já saberás que parti, e porque pedi que te fosse enviado o teu livro. A tua felicidade é a única coisa que sempre desejei — que desejo ainda — mas estaria a mentir se dissesse que não tinha esperança de que essa felicidade pudesse ser encontrada na Quinta da Mulher Moon. Nunca deixei de sonhar com o teu regresso, sonhar que um dia poderias voltar à terra que tanto amamos e ao Caminho que as Moons percorreram durante tantas gerações. Revelaste-te tão promissora, em pequena, tão dotada... Mas tinhas medo de ser diferente — de ser especial. Querias tanto ser como todos os outros que estavas disposta a deitar fora aqueles dons. Mas dons como o teu não se perdem. Ainda estão dentro de ti, à espera de serem convocados. À espera que voltes para casa. A nossa linhagem é longa e não diluída, mas receio que essa linhagem seja em breve quebrada, que o nosso legado se perca para sempre. És agora tudo o que resta, a última e a melhor de nós. Mas ainda há coisas para aprender, coisas que não houve tempo para partilhar antes da tua partida. Coisas quebradas que precisam de ser consertadas. Coisas escondidas que precisam de ser ditas. Os livros estão aqui, os ensinamentos de todas as que vieram antes de ti. E és agora a sua administradora, a guardiã dos nossos segredos. Tenho a esperança de que um dia também o teu livro ali figure, na estante, ao lado do meu, para que dons como os nossos não se percam para o mundo. Mas essa é uma escolha que não posso ser eu a fazer. Só tu. Todos temos uma história — uma história que contamos, quer nos apercebamos disso quer não, com as nossas horas e os nossos dias. Mas, como te disse há muitos anos, ninguém devia escrever a tua história senão tu. Seja qual for a tua escolha,

sabe que estarás sempre no meu coração, e que isto não é uma despedida. Não existem despedidas, minha Lizzy, apenas voltas no Círculo. Até lá...

A.

Lizzy ainda estava a chorar quando dobrou a carta e voltou a guardá-la entre as páginas em branco do diário. Eram o tipo de palavras que nunca deviam ter precisado de ser escritas, do tipo que deviam ser ditas cara a cara. Não que a carta da avó contivesse muitas surpresas. Lizzy sempre soubera o que se esperava dela — a mesma coisa que se esperara de todas as raparigas Moon. Tinha de gerar uma filha e ensinar-lhe os seus caminhos, assegurar que a linhagem se mantinha ininterrupta, porque era isso que tinha sido feito ao longo de gerações.

Não havia homens Moons. Nem irmãos, nem filhos, nem maridos. Não fora planeado — ou, se o *fora*, nunca ninguém o dizia em voz alta. As Moons nunca tinham sido, simplesmente, do tipo de mulher que se casa, preferindo fazerem companhia umas às outras, criarem as suas filhas e concentrarem as suas energias na quinta da família.

Mas muito pouco restava da quinta quando Lizzy de lá saía para estudar — tal como da família, de resto — e ela duvidava que os oito anos em que estivera ausente tivessem contribuído para melhorar a situação. Além disso, ela tinha a sua vida. Uma vida que trabalhara muito para conquistar. Que fosse outra pessoa a reconstruir a quinta, alguém que o desejasse verdadeiramente fazer.

Mas as palavras de Althea voltaram a ecoar dentro de si. *Os livros estão aqui, os ensinamentos de todas as que vieram antes de ti. E és tu, agora, a sua administradora...*

Os livros, mais uma vez. Fora por isso que Althea pedira que lhe enviassem o seu diário. Não era apenas por causa da sua história. Era por causa das histórias de *todas*, e do dever, que recaía agora sobre ela, como guardiã dos segredos das Moons. Sempre, sempre o dever.

Sim, podia arranjar um agente imobiliário para pôr a quinta à venda. Podia até localizar alguém para retirar a mobília e todos os bens pessoais da sua avó — mas não os livros. Ela não fazia ideia do que fazer com eles — não era o tipo de coisa sobre o qual alguém alguma vez falasse — mas deitá-los fora estava fora de questão. A magia delas era uma magia subtil

— uma magia tranquila, chamava-lhe Althea. Não havia desses disparates com caldeirões, para as Moons. Não se convocavam espíritos, não se lançavam maus-olhados. Não se formavam irmandades nem se acendiam fogueiras à meia-noite. Era apenas trabalho curativo registado para a posteridade, uma prova de que tinham vivido e que tinham praticado o bem no mundo.

Ela teria de ir a Salem Creek e guardar os livros em caixas, mesmo que a única coisa que acabasse por fazer com eles fosse atirá-los para o fundo do seu *closet*. Mais cedo ou mais tarde teria de pensar no que lhes aconteceria quando ela própria morresse — quando não houvesse ninguém a quem os legar —, mas ainda era cedo para isso.

Althea via-a como a última e a melhor das Moons. Mas não o era. Os seus *dons* — se é que os tinha — eram diferentes dos de Althea. Ela não era uma curandeira, nem uma feiticeira. Só fazia perfume. E, desde a sua promoção a diretora criativa, nem sequer isso verdadeiramente fazia. A verdade é que, além de um sistema reprodutivo funcional, tinha pouco a oferecer às Moons. nenhuns remédios a partilhar, nenhuma sabedoria a transmitir, nenhuns rituais sagrados para passar à geração seguinte.

Mas voltaria por causa dos livros — e por Althea. E talvez Luc tivesse razão. Talvez precisasse, de facto, de algum tempo com as suas lembranças, para poder olhar nos olhos, pela última vez, aquela outra Lizzy Moon, antes de se ir embora de vez.

TRÊS



17 de julho

A tabuleta da Quinta da Mulher Moon estava tão desvanecida que Lizzy mal conseguiu distinguir as letras, quando virou para a estrada de acesso. Fora uma viagem de seis horas sob uma chuvinha constante, a última das quais passada a serpentear pelas estradas secundárias do New Hampshire rural, cheias de altos e baixos causados pelo gelo. Mas finalmente tinha chegado.

Ligara a Luc antes das seis da manhã, quando sabia que ele estaria no ginásio e seria improvável que atendesse. A sua mensagem dizia apenas que tinha mudado de ideias e que ia a casa, que lhe ligaria quando tivesse uma ideia do tempo de que iria precisar. Depois desligara o telemóvel, vetando qualquer hipótese de ele lhe ligar de volta.

Ao fim do caminho de acesso desligou o motor e disse para si mesma, ao sair do carro, que aquilo era uma coisa que ela tinha de fazer, um último dever a cumprir antes de poder finalmente trancar a porta daquele capítulo da sua vida. Mas, mesmo naquele momento, com um nó do tamanho de um punho a formar-se na barriga, conseguiu sentir o magnetismo daquele lugar, uma ligação com a terra que parecia estar tecida na sua alma.

Sempre houvera qualquer coisa de transcendente na quinta, uma sensação de que tinha sido, de alguma forma, esculpida pelo tempo e que se destacava do resto do mundo, como Brigadoon — um local que existia apenas na sua imaginação. E, porém, ali estava ela. A sua infância, preservada no tempo, como um organismo vivo suspenso em âmbar.

Não havia nada senão campo aberto nos arredores de Salem Creek, em 1786, quando uma grávida Sabine Moon fugira de França para os recém-formados Estados Unidos, sem outra coisa senão uma mão-cheia de

jóias cosidas à bainha da sua saia. E ela dera bom uso a essas jóias, trocando-as por uma parcela de terra de oito acres, onde ergueria uma quinta pequena mas que se tornaria, em pouco tempo, próspera.

Fora desdenhada pelos aldeãos, que sentiam desconfiança de uma mulher suficientemente arrojada para comprar terra sem a ajuda de um homem e, depois, de a cultivar com as próprias mãos. Uma mulher que não usava qualquer anel e não oferecia qualquer explicações para a sua barriga inchada. Já para não mencionar a filha bastarda que acabaria por exibir na frente dos seus narizes. E depois dois anos de seca dizimaram as colheitas da aldeia — todas exceto a de Sabine, que continuava a florescer. E assim tinham começado os murmúrios sobre as estranhas Moons, as mulheres que nunca casavam e pariam apenas filhas, que cultivavam ervas, faziam tisanas e lançavam feitiços.

Mesmo agora, ninguém sabia verdadeiramente o que as Moons eram, embora tivesse havido bastantes pessoas, ao longo dos anos, desejosas de dar a sua opinião, soltando palavras como *vudu* ou *bruxaria*. Não que as boas gentes de Salem Creek acreditassem em bruxas. Aquelas superstições tinham morrido há mais de um século.

Mas o caso das Gilmans tinha funcionado como um rastilho, reacendendo a especulação e as histórias há muito enterradas. Os assassínios tinham ficado por resolver, mas os boatos perduraram, enquanto a adorada quinta de Althea ia definhando por falta de clientes. Rhanna fora a primeira a partir. Lizzy mudara-se para a cidade de Nova Iorque pouco tempo depois, uma calóira de 28 anos a caminho da Universidade de Dickerson — e de uma vida tão distante da Quinta da Mulher Moon quanto conseguisse.

E agora a Quinta da Mulher Moon pertencia-lhe.

Soltou um suspiro enquanto olhava em volta, chocada pelos flagrantes sinais de desmazelo. Atrás da casa, os bem organizados canteiros de flores tinham há muito sido afogados por mato, deixando apenas um polvilhado de botões atrofiados visíveis por entre a vegetação húmida. As fileiras de aromáticas não se encontravam em melhor estado. Mas a negligência ia para lá da terra. Ao fundo dos campos destruídos, a velha casa de pedra que servia de boticário para Althea também parecia decrépita. O pátio empedrado estava antigamente cheio de suportes de vasos de ervas e alegres flores de verão. Agora havia capim a crescer entre as pedras do pavimento, e os suportes estavam vazios, as janelas cobertas de pó. Como teria sido para Althea ver tudo aquilo morrer? Saber que o trabalho da sua vida chegara ao fim? E suportar tudo isso sozinha?

No meio do campo, o velho celeiro de secagem erguia-se como uma sentinela, com as suas pranchas de madeira pintada de um vívido índigo agora amortecidas num desbotado azul-acinzentado, as nuvens e a Lua leitosa pintadas à mão que decoravam a parede virada a oeste desvanecidas em pouco mais do que fantasmas.

Aquela paisagem celeste aparecera quase da noite para o dia, uma manifestação da imprevisível e muitas vezes irritante musa Rhanna. A extravagante decoração causara algum burburinho entre os habitantes locais. Uma nódoa na paisagem, tinham dito alguns, demasiado *hippie* para Salem Creek. Mas o celeiro acabara por se tornar uma espécie de ponto de referência, chegando até a figurar na revista *Yankee* como parte de uma reportagem sobre os tesouros escondidos da Nova Inglaterra rural.

Ainda agora, mesmo esbatido pelo tempo e o clima, a sua visão provocava um sorriso. Fora o principal esconderijo de Lizzy enquanto adolescente — o seu local para estar sozinha —, fresco, silencioso e abençoadamente vedado aos clientes. Fora também o local ideal para montar um laboratório improvisado para trabalhar nos seus perfumes. Agora, como o resto da Quinta da Mulher Moon, tornara-se uma sombra do seu passado.

Lizzy colocou um travão nas suas recordações enquanto se dirigia para o carro para tirar a mala. Estava com fome e cansada, depois da viagem, e ainda não se livrara da dor de cabeça do vinho. Teria bastante tempo para recriminações, depois de arranjar qualquer coisa para comer.

Os elementos tinham causado danos na casa, cujas madeiras cor de salva tinham adquirido um tom que era mais cinzento do que verde. Os lintéis das janelas tinham descaído e estavam porosos de podridão. E, no entanto, ali continuava ela, gasta pelo tempo, mas orgulhosa, de certa forma, tão tenaz como a mulher que a construía mais de duzentos anos antes.

A porta gemeu quando Lizzy girou a sua velha chave na fechadura e a empurrou. Ficou parada por um momento, à espera de que os seus olhos se ajustassem à penumbra do *hall* de entrada. Esquecera-se de como a casa era escura, em especial na frente, onde os ramos de um velho freixo bloqueavam a luz do sol. Mas foi o silêncio que mais impressão lhe fez, a sensação de que, com a morte de Althea, o tempo parara, de alguma forma, de avançar.

A sala de visitas estava exatamente como a recordava: o sofá de *tweed* debaixo das janelas da frente, o par de velhas poltronas de orelhas a flanquear a lareira de tijolo com uma coleção de peças de estanho de conjuntos diferentes sobre a prateleira — e os retratos alinhados na parede oposta.

Tinham sido toscamente executados, na sua maior parte, o trabalho de diversos amadores ao longo dos anos, mas cada rosto evidenciava uma espantosa semelhança com o rosto seu vizinho. Cabelo escuro penteado de forma simples, pele suficientemente pálida para ser chamada translúcida, e os denunciadores olhos cinzentos que marcavam todas as Moons.

Ela crescera perante aqueles olhos atentos, aquela vigilância coletiva tão intensa que em criança muitas vezes evitara aquela divisão. *Cada rosto conta uma história*, dizia Althea, antes de a fazer dizer os nomes. Sabine. Patrice. Renée. Dorothée. Sylvie. Honoré.

O inesperado ruído de passos interrompeu os pensamentos de Lizzy. Virou-se bruscamente, surpreendida por encontrar uma mulher com pele de mogno parada ao fundo das escadas. Era alta e estranhamente bonita, com uma testa alta, maçãs do rosto salientes e cabelo sal-e-pimenta quase rapado.

— Ela bem disse que haveria de vir — comentou a mulher, depois de um pesado momento de silêncio.

— Quem é a senhora?

— Evangeline Broussard. Evvie.

— Foi quem me enviou a carta.

— Sim. Duas, por acaso.

Lizzy espetou o queixo, aborrecida pela implícita censura.

— Mudei de casa.

Evvie pareceu não ter pressa de responder. Estudou Lizzy com os olhos semicerrados, medindo-a dos pés à cabeça.

— Esqueceu-se de dizer à sua avó.

Lizzy fechou brevemente os olhos, perplexa pela mistura de cheiros a vinagre e pêssegos demasiado maduros que parecia irradiar da mulher.

Desaprovação.

Era uma coisa que ela tinha. A capacidade de ler uma pessoa com base no cheiro, como se lesse uma aura, mas com o nariz em vez dos olhos. Começara quando chegara à puberdade, o tempo em que tais dons costumavam desabrochar, conforme lhe explicara Althea.

Os episódios tinham sido atordoantes, ao princípio: odores emaranhados que a atingiam sem aviso e raramente faziam sentido. Levou algum tempo, mas acabou por aprender a decifrar o que tinha pela frente, e até a usá-lo em sua vantagem, como o *ping* de um radar a alertá-la para possíveis ameaças. Mas as suas capacidades tinham-se tornado mais irregulares desde que se mudara, como se deixar a quinta tivesse, de certa forma,

diminuído a força da receção do sinal. Agora, de súbito, estava de novo a captá-lo, e era um sinal de desaprovação.

— Eu queria avisá-la, mas... — Lizzy deixou as palavras apagarem-se, aborrecida pelo facto de ter sentido necessidade de se explicar a uma desconhecida. — O que está aqui a fazer?

— Podia perguntar-lhe o mesmo.

— Sim, mas sou eu que estou a perguntar. E, uma vez que esta casa é da minha avó, acho que tenho direito a uma resposta.

— Eu era amiga dela — respondeu Evvie secamente. — Quem mais teria escrito aquela carta?

Lizzy inclinou a cabeça para um lado, a tentar ler aquela estranha mulher. Tinha uma entoação peculiar na voz, as palavras a subir e descer como as notas de uma canção. Era encantador e musical — e ligeiramente inquietante. Ou talvez fossem os olhos verdes com salpicos acobreados que tornavam difícil olhá-la de frente.

— Assumi que a Evangeline Broussard era alguém que trabalhava para a advogada da Althea. Ou para a agência funerária. Não estava à espera de a encontrar aqui.

Evvie soltou um grunhido.

— Então, acho que ficamos quites. Porque é que veio? Agora? Ao fim de tanto tempo?

Lizzy revistou a mente em busca de uma resposta, mas a verdade é que não a tinha. Pelo menos uma resposta que se sentisse à vontade para partilhar.

— Há algumas coisas da minha avó de que quero tratar pessoalmente. Coisas que sei que ela queria que eu tratasse.

Os olhos de Evvie semicerraram-se de novo, mas ela não respondeu. Em vez disso, acenou muito ligeiramente com a cabeça antes de se voltar, as suas *UGG* gastas a arrastarem-se pelo soalho enquanto se dirigia para a cozinha.

Lizzy seguiu-a, reparando pela primeira vez que Evvie usava um dos aventais floridos de Althea.

— Está a cozinhar alguma coisa?

— O jantar.

Lizzy viu-a erguer a tampa da panela de sopa que fervilhava no fogão. Depois de a provar, retirou um frasco de qualquer coisa de um armário próximo e polvilhou um pouco na panela.

— A senhora vive aqui? — perguntou Lizzy, quando a verdade começou a infiltrar-se lentamente no seu cérebro.

Evvie virou-se, ainda agarrada à colher.

— Vivo. A não ser que tenha vindo pôr-me na rua.

Lizzy conteve um suspiro. Estava demasiado cansada para discutir, em especial com uma desconhecida.

— Não estou aqui para a pôr na rua. Nem sequer sabia que estava cá. Era a... cuidadora da minha avó?

Evvie pousou a colher e limpou as mãos ao avental.

— Ela não me pagava, se é isso que está a perguntar, mas suponho que sim. É o que os amigos fazem uns pelos outros... cuidam.

Lizzy sentiu as faces aquecerem.

— Eu não queria dizer... desculpe. Só estou a tentar compreender.

— Tem fome?

Lizzy ficou a olhar para ela.

— O quê?

— Fome? — repetiu Evvie, como se estivesse a falar com uma criança particularmente lenta. — Tem fome?

— Sim, acho que...

— Ótimo. Pode pôr a mesa.

Comeram em silêncio à mesa da cozinha — um prato de arroz qualquer, feito com tomate e feijão, e bastantes especiarias. Era delicioso e exótico, cheio de sabores étnicos que Lizzy não conseguiu identificar. E felizmente não continha carne, poupando-a à potencialmente desconfortável discussão vegetariana.

— Ela nunca me disse que estava doente — afirmou Lizzy quando o silêncio se tornou pesado. — Eu teria vindo, se soubesse.

Evvie anuiu enquanto barrava com mel um pedaço de pão de milho.

— Ela sabia. Foi por isso que não lhe quis contar. Nem sequer no fim, quando lhe supliquei que me deixasse ligar-lhe. Era uma velha teimosa. Disse que a neta também era teimosa. Acho que não tenho dificuldade em acreditar.

Lizzy baixou o olhar para o prato, brincando com a comida. O que é que havia naquela mulher que a fazia sentir como uma criança de escola malcomportada?

— Ela queria que a Lizzy *quisesse* estar aqui — disse Evvie finalmente, a lamber o mel dos dedos. — E se não quisesse, queria que fosse feliz onde quer que se encontrasse. Amava-a a esse ponto. A ponto de a deixar ir.

Lizzy pousou o garfo e limpou a boca.

— Eu não a abandonei, Evvie. Fui estudar... como sempre tinha

planeado fazer. Nunca escondi o facto de que queria sair desta terra. Quando fui aceite na Dickerson sabia que estava na hora. A Althea ficou triste por me ir embora, mas compreendeu.

— Ela sabia que, se tentasse impedi-la, a perderia para sempre. E acho que tinha razão, já que acabou por vir... finalmente.

— Então porque é que está a criticar-me por me ter ido embora?

Evvie virou os olhos verde-acobreados para Lizzy.

— Não a critiquei. Pelo menos da maneira como pensa. Não é com o facto de ter partido que tenho um problema. Essa parte compreendo. É o manter-se longe que me irrita. Toda a gente tem o direito de ir à procura de si mesmo, mas, quando consegue, devia voltar a casa e lidar com o que passou, ver as coisas de frente. — Ela fez uma pausa, empurrando o prato, e depois prendeu os olhos no rosto de Lizzy. — Ou talvez não se tenha ainda realmente encontrado.

A observação doeu, como quase de certeza era a sua intenção. Mas havia coisas que Evvie não percebia.

— Houve uma razão para eu querer sair de Salem Creek, Evvie. Aconteceu uma coisa...

— Eu sei da história daquelas raparigas — interrompeu-a Evvie. — E o que as pessoas pensaram, e o que disseram, e como trataram a sua avó. E também sei da sua mãe, como ela perdeu a cabeça naquele dia no café e disse aquelas coisas horríveis sobre amaldiçoar a vila inteira. Sei que fez as malas e saiu daqui, deixando tudo numa balbúrdia. Eu sei isso tudo.

Lizzy só precisou de olhar Evvie nos olhos para saber que era verdade. Ela sabia tudo, sim. Ou quase tudo.

— Ainda se fala? Da Althea, quero eu dizer. As pessoas ainda pensam...

Mais uma vez, Evvie interrompeu-a.

— Não soube disto tudo por aí, se é o que está a perguntar. Foi a sua avó que me contou. Quanto a esta terra, não sei o que pensam. Posso dizer-lhe que nunca ninguém disse uma palavra onde eu a pudesse ouvir, mas, de qualquer forma, não seria provável que o fizessem.

A súbita intensidade na voz de Evvie apanhou Lizzy de surpresa.

— Porque não?

— Suponho que devem saber que não podem. — O fantasma de um sorriso apareceu, mostrando uns dentes tão brancos e regulares como um perfeito colar de pérolas. — Acho que têm um pouco de medo de mim. Não há muitas caras como a minha em Salem Creek.

Foi a vez de Lizzy sorrir. Ela não tinha dificuldade em acreditar que as

pessoas em Salem Creek teriam medo de Evvie. Ela era absolutamente formidável. E, no entanto, havia qualquer coisa nela que era inexplicavelmente reconfortante, uma curiosa sensação familiar.

— Fale-me da minha avó — pediu ela suavemente. — Há quanto tempo estava doente?

— Loiça.

— Perdão?

Evvie levantou-se, empurrando a cadeira para trás sobre o soalho de carvalho.

— Podemos falar enquanto lavamos a loiça. Traga o seu prato.

Lizzy acabou de levantar a mesa enquanto Evvie enchia o lava-loiça. Era estranhamente agradável estar de volta à cozinha onde ela e Althea tinham passado tantas horas felizes, como enfiar um par de velhos chinelos que não se usa há muito tempo, e por um momento quase conseguiu esquecer a terrível cadeia de eventos que tinham mudado as suas vidas para sempre. Quase.

— Então, a minha avó... — incitou Lizzy, aceitando o prato a pingar que Evvie lhe estendia.

— Foi o fígado — disse Evvie, pescando outro prato da água com espuma. — Entrou em falência. Ela acabou por ceder e foi ao médico, mas não havia muito a fazer. Por vezes simplesmente esgotamo-nos. E ela não queria qualquer espécie de heroísmo. Sabe como ela era. Nunca foi pessoa de estardalhaços.

— Estava cá quando ela... — Lizzy deixou a questão a pairar, incapaz de dizer a palavra em voz alta.

— Estava.

— E as cinzas... também foi a Evvie?

— Hum-hum.

Lizzy pousou o seu pano e, com a garganta cheia de lâminas, segurou a mão ensaboada de Evvie.

— Não sei o que mais posso dizer senão obrigada. Por ser amiga dela. Por estar aqui. Por fazer as coisas que precisavam de ser feitas. Devia ter sido eu. Devia ter sido a família.

Evvie ergueu os olhos do lavatório, com o queixo a tremer enquanto pestanejava para conter as lágrimas.

— E foi — disse, com a voz embargada. — A família nem sempre significa o sangue. Por vezes reconhecemo-la em alguém. Era assim comigo e com a sua avó. Éramos família. Um tipo especial de família.

Quem olhasse para Evvie, com a sua pele de mogno e os olhos pintalgados de cobre, teria dificuldade em acreditar que ela podia ter alguma espécie de parentesco com Althea. E, contudo, Lizzy não teve qualquer problema em acreditar.

— Fico contente por ela a ter tido ao seu lado, Evvie. Por ter tido alguém que a amava.

O rosto de Evvie suavizou-se.

— Agora suba. Eu termino isto. Parece-me bem cansada.

Lizzy anuiu. A palavra *cansada* não chegava para começar a descrever como se sentia depois dos eventos das últimas vinte e quatro horas. Secou as mãos e estava prestes a dirigir-se ao *hall* para ir buscar a sua mala quando Evvie a interrompeu.

— Quase me esquecia. Estou no seu antigo quarto, por isso vai ter de usar o da Althea. A cama foi limpa, mas tem lençóis no roupeiro do corredor. Eu levo para lá as suas roupas e outras coisas amanhã. — Fez uma pausa, percorrendo com um olhar crítico as calças de ganga *skinny* e as elegantes botas pretas. — Vai precisar de roupas a sério por aqui.

Lizzy aceitou a crítica ao seu guarda-roupa, mas rejeitou a ideia de dormir na cama de Althea. Parecia-lhe errado, de alguma forma, intrusivo e desrespeitoso.

— Eu uso o antigo quarto da Rhanna. Vai ser apenas por uns dias.

Evvie abanou a cabeça.

— Não pode ser. O quarto da Rhanna é mais uma arrecadação do que um quarto, hoje em dia. Além disso, a sua avó ia ficar feliz por saber que estava no quarto dela.

— Não me parece que...

— Vá lá — insistiu Evvie suavemente. — Ela ia querer que lá ficasse.

O quarto de Althea ficava no topo das escadas. Lizzy fechou brevemente os olhos quando segurou na maçaneta da porta, preparando-se para a onda de emoções que sabia que a aguardavam do outro lado. Demorou-se na ombreira, a reparar nos pequenos detalhes conhecidos: o volume de Rumi que tinha sido o preferido de Althea, o pedaço de haste de veado que tinham descoberto um dia enquanto caminhavam pela floresta, a tigela de madeira entalhada com pedras do desejo na mesa de cabeceira.

Acabou por ser a cómoda a atraí-la finalmente para o interior do quarto. Tinha sido o seu local preferido da casa, quando criança, o local onde tinha começado a sua história de amor com as fragrâncias. Gerânio, jasmim, patchuli, sândalo — uma interminável gama de aromas para misturar

de novas maneiras, como a paleta de um artista para o nariz. Desde que se conseguia lembrar, Althea contava histórias sobre os estranhos talentos das Moons, cada uma singularmente dotada com a sua discreta maneira de ser útil no mundo. E um dia, enquanto estava sentada àquele toucador, Lizzy descobrira o seu próprio tipo de suave magia — a gloriosa, misteriosa, alquimia da fragrância.

Soubera instintivamente que a fragrância era uma espécie de medicamento, que as suas capacidades naturais de elevar a disposição e evocar emoções podiam ser enormemente eficazes na recuperação de uma sensação de bem-estar. Também percebera — graças ao seu invulgar talento — que cada pessoa possuía o seu odor distintivo, como impressões digitais, um conjunto de marcadores olfativos que funcionavam como uma espécie de assinatura. Era uma descoberta que acabara por formar os alicerces de toda a sua carreira.

No seu décimo quarto aniversário anunciara a sua intenção de colocar num frasco o amor de Althea pela terra. Era uma ideia impossivelmente infantil — capturar emoções num frasco, como se fossem pirilampos —, mas Althea não a desencorajara, apesar do facto de a neta não fazer ideia de por onde começar. Tinha seguido, simplesmente, o seu nariz, acabando por se decidir pela lavanda, porque cheirava a terra, e pela bergamota, porque cheirava à luz do sol, e juntas cheiravam a Althea. Alguns meses mais tarde cumpriu a sua intenção, desvelando uma simples fragrância dual a que deu o nome de Althea, o nome da mulher que inspirara a sua criação.

Tinha encontrado o frasco numa das poeirentas lojas de artigos em segunda mão na baixa, e passou duas semanas a poupar o dinheiro do seu almoço para poder comprá-lo. Ainda estava sobre o toucador: quadrado, com uma base pesada e uma grande tampa cónica. Tinha sido voltado a encher muitas vezes com os anos, mas agora estava vazio, excetuando uma pegajosa resina castanha no fundo. No entanto ergueu a tampa, de qualquer maneira, esperando um vestígio do cheiro da sua avó, mas ficou desiludida por receber apenas o forte odor de óleos oxidados.

Uma nova onda de sofrimento atingiu-a quando devolveu o frasco à cómoda, com a dor da ausência de Althea a percorrê-la como uma dor física, quando se dirigiu para o recanto de teto baixo que servira como despensa antes de Althea o dotar com prateleiras e uma poltrona para ler. Ao longo dos anos, a avó adquirira muitos objetos preferidos, mas nenhum era mais apreciado do que os seus livros. Os seus *guilty pleasures*, chamava-lhes, perfeitos para relaxar nos frígidos invernos da Nova Inglaterra.

E depois havia a estante: com frente de vidro, três níveis, e portas que trancavam com uma minúscula chave de cobre. Lizzy baixou-se para espreitar pelo vidro. Os livros. Quando era pequena sentira por eles uma grande reverência, ou pelo menos pelo que representavam. Todas aquelas mulheres — sempre solteiras — sentadas à fogueira, noite após noite, a escrever segredos apenas para as outras mulheres do Caminho. E agora, tal como a Quinta da Mulher Moon, esses segredos eram dela.

Encontrou a chave no local onde Althea a guardava sempre, na gaveta do toucador. Sentiu a baforada de cabedal e papel velho quando abriu a porta, e por um momento deu por si a conter a respiração, como a criança à espera de ser apanhada com a mão dentro do frasco dos biscoitos. Só que já não havia ninguém para a repreender. Passou um dedo ao longo da fileira de lombadas enrugadas, sentiu a pele fresca sob as pontas dos dedos, e depois ajoelhou-se e libertou o primeiro livro.

O Livro de Sabine. A mulher que tudo começara.

Lizzy virou as páginas lentamente. A tinta desvanecera-se num castanho suave, e os traços eram araneiformes e finos, tornando-se difíceis de decifrar. A mistura de inglês e francês também não ajudava. Não que precisasse de ler alguma coisa do que estava escrito. Conhecia tudo de cor. A história da traição do homem que Sabine amava e da sua fuga para evitar a perseguição. A luta pela sobrevivência numa terra estranha com uma filha bebé ao colo. O seu édito de que nunca uma Moon se permitiria escravizar pelo casamento, e muito menos ser traída ou deixar terminar a linhagem. Era a saga da família, contada e recontada ao longo das gerações.

Voltou a guardar o livro na estante, percorrendo os outros com o olhar. Tantas Moons, cada uma com uma história para contar. *Patrice*, a primeira Moon nascida em solo americano. *Renée*, a única Moon a alguma vez ter gerado um filho. O coitado vivera apenas um par de horas, ao contrário da sua irmã gémea, *Dorothee*, que conseguira prosperar. As conversas sobre a morte do rapaz tinham persistido ao longo da vida de Renée. *Sylvie*, que escandalizara a vila vivendo aberta e despudoradamente com uma mulher chamada Rachel Conklin. *Aurore*, que chocara os vizinhos com as suas caminhadas diárias pela floresta sem mais nada no corpo senão os sapatos. *Honoré*, que, após quatro nados-mortos, dera finalmente à luz Althea, aos 44 anos. E, claro, a mais recente adição, *O Livro de Althea*.

Estavam ali todos — e ainda mais um. Lizzy franziu o sobrolho ao mirar o último volume, não preto como os outros, mas de uma escura cor de vinho, gravado com flores e trepadeiras. Nunca tinha visto aquele livro.

Seria possível que Rhanna o tivesse deixado para trás, afinal? Seria mesmo típico dela, quebrar a tradição e usar um livro colorido, um último gesto de desafio.

Que espécie de coisas poderia a sua mãe ter registado? Um pedido de desculpas, talvez, pelo seu comportamento imprudente e as más opções ao longo dos anos? Lizzy duvidava. O remorso nunca fora o ponto forte de Rhanna. Ainda assim, sentiu-se curiosa.

Retirou o volume diferente da prateleira e pousou-o no colo. O livro era grosso e estranhamente irregular, preso com um pequeno fecho de latão. Lizzy puxou o fecho e abriu a capa, esperando ver a letra redonda e inclinada para trás da sua mãe. Em vez disso encontrou um quadrado de papel encerado dobrado, preso entre a capa e a primeira página. Desdobrou-o, surpreendida por encontrar um pé de rosmaninho cuidadosamente seco. Ficou a olhar para ele e depois observou a página aberta e a letra ordenada no topo da página — a letra de Althea.